

Prefácio

Fernanda Verdasca Botton

Doutora em Literatura pela USP, professora do Centro Paula Souza e do Grupo Educacional Bom Jesus

Corpo luto: Corpo – Eu luto. Corpo luto. Luto – Corpo luto.

Nas ambiguidades intrínsecas ao título deste livro, podemos encontrar explicações iniciais para a personagem de Domenico Saviani: eu – narrador primeira pessoa – luto; meu corpo sofre por perdas – meu corpo está em luto; dentre as perdas, a do meu corpo...

Uma triste noite de domingo. Eu tinha setenta e cinco para setenta e seis anos. Disso tenho certeza, faltavam poucos dias para completar setenta e seis. A morte veio, sorratamente, e acabou com os batimentos cardíacos e a respiração de minha amada.

Abri um sorriso de gentileza. Olhei para as minhas mãos, os meus dedos não paravam de tremer. E a doença me dizia que eu ainda estava vivo.

As palavras do narrador, nos primeiros capítulos, retomam a ideia inicial, evidenciando o sofrimento pela perda da esposa, contando ainda a experiência de um Domenico em luto e, paradoxalmente, um Domenico cujo mal de Parkinson é sinal de que ainda está vivo, e de que morrerá.

Psicanalista e professor universitário aposentado, Domenico foi colocado em um asilo por seu filho, Lucca, quando a esposa, Miriam, falecera. Sentindo-se abandonado e depressivo,

o protagonista convive com uma sensação de confusão e desorientação mental provocada por um mundo que, para ele, é absurdo.

Analisando alguns aspectos do enredo, podemos observar que Miriam tem ascendência judaica – e muitas vezes é praticante do judaísmo – e, como tal, tem no domingo o primeiro dia da semana (o dia mais importante, o dia da Eucaristia, o dia do recomeço): domingo, seria então, o início. Entretanto ela deixou seu amado no domingo e esse dia foi o fim (dela e dele?).

Descendente de italianos, o nome do narrador provém do latim *dominicus* e significa “nascido no domingo”, o que seria uma ironia para quem sente a morte, a finitude ou as finitudes.

Nesta breve análise inicial, já podemos observar o cuidado que o escritor Eduardo Cardoso tem com este seu romance de estreia, **Corpo luto**.

Domenico sofre, como já dito, de Parkinson, e essa doença degenerativa crônica tremula suas mãos e suas lembranças. Para construir essa oscilação permanente, a narrativa de Cardoso é entrecortada pelas lembranças, segue o fluxo de um ir e vir pontuado por recordações vividas e lidas durante sua vida como professor, psicanalista, ser humano e homem apaixonado.

Desenvolvida em forma de conversa. A narrativa tem um só locutor: Domenico. Mas é formada a partir de vários interlocutores: o próprio narrador, a cuidadora Carla, a esposa Miriam, a neta de pensamentos (como o avô) suicidas, personagens de outras obras literárias e o leitor – ou leitora – que se identifica com o narrador e com as diversas vozes que ecoam nas palavras escritas e vividas.

Essas vozes, filtradas pela consciência trêmula de Domenico, discutem temas como a felicidade-religião e a felicidade-neoliberal, a necessidade da religião e o perfil dos papas católi-

cos, a sexualidade dos desejos e as ereções dos doentes, o ser carrasco e o porquê da existência de um lugar como Auschwitz, a radicalização da esquerda e da direita, o perdão, o amor, o amar, a vida, as inúmeras metáforas da morte... discussões embaladas sempre por uma musicalidade poética.

Ou, em outros termos, uma música que pode terminar, como nos antigos *bolachões* (mais conhecidos como discos de vinil), quando a música vai diminuindo até ficar somente o chiado da agulha.

O discurso pode parecer antigo, pois o “vovozinho” (como sua neta o chama) é do tempo do disco de vinil, mas na narrativa construída existem faixas (ou músicas) atemporais: Woody Allen, Rubem Alves, Allan Kellehear, Emile Zola, Jacques Lacan, Zygmunt Bauman, Edgar Allan Poe, Friedrich Nietzsche, Dostoiévski, Emmanuel Lévinas, Jonathan Littell...

Essas leituras, realizadas em diversos momentos da vida de Domenico, são retomadas nas conversas desenvolvidas ao longo da narrativa. Elas são intertextos trazidos a um texto que busca compreender a existência do ser em si mesmo e dos seres no mundo: “Olhando-me no espelho, a pergunta que surge neste momento é: quem estaria do lado certo do espelho? O *ser* que olho, ou o *ser* que me olha?”

Corpo luto, enfim, nos provoca à uma reflexão que, nas palavras de Domenico, é eterna e de todas as idades: “O que o mundo ainda quer de mim?”

Somente histórias como esta podem nos colocar no caminho desta indagação.